

7. Conclusão

7.1. O texto em si

O estudo do texto revelou, a partir da crítica textual, que não há motivos plausíveis para se abandonar o texto da BHQ por outras opções textuais. O texto de Ml 1,6-14 se encaixa dentro do livro de Malaquias como um todo, sendo uma crítica do profeta a uma atitude cultural de não-reconhecimento do amor de YHWH pelo povo (cf. Ml 1,2-5).

No que diz respeito à unidade, o texto em questão, Ml 1,6-14, constitui sim uma unidade textual, sendo a primeira parte de um grande oráculo (cf. Ml 1,6 – 2,9) que traz a crítica do profeta ao culto e um chamado dirigido especificamente aos sacerdotes a fim de que se convertam para que a sua “bênção” não seja transformada em “maldição” (cf. Ml 2,2). O gênero literário é o da disputa profética, onde, no que diz respeito ao estilo, o profeta recorre à construção de um diálogo artificial entre YHWH e os sacerdotes, a fim de que a partir de uma acusação de YHWH e de uma resposta dos sacerdotes, tenha lugar a explicitação de seus crimes.

O estudo da organização do texto demonstrou que o mesmo se divide em três partes: uma introdução (cf. Ml 1,6a-e) onde a relação de YHWH com o povo é colocado em termos da relação pai/filho e servo/senhor; a primeira seção do texto compreende os vv. 6f-11, onde o profeta, após indicar a primeira objeção dos sacerdotes à acusação perpetrada por YHWH, explicita detalhadamente quais sejam as faltas dos mesmos sacerdotes, descrevendo o oferecimento de vítimas impróprias, indignas até mesmo do governador (cf. Ml 1,9). A primeira parte atinge seu ápice no v. 11, parte integrante do texto, e, como visto na pesquisa, bem conectado seja com o v. 10, seja com o v. 12 que abre a segunda seção do texto. Neste versículo se proclama a grandeza de YHWH entre as nações e o oferecimento entre as mesmas nações de incenso e de uma oferenda pura, ou seja, agradável a YHWH, em oposição a oferenda dos sacerdotes, que é dita não- agradável a YHWH (cf. Ml 1,10.13). A segunda seção (cf. Ml 1,12-14) segue o mesmo estilo da primeira. Os sacerdotes são acusados de profanar o nome de YHWH por meio da oferta de animais impuros que são detalhadamente descritos. Ml 1,13 acrescenta um dado novo: agora não somente a descrição dos animais

impuros faz parte da acusação de YHWH, mas também uma dupla atitude dos sacerdotes: a de dizer que o culto é um “fardo” ou “canseira” e a de “soprar” em atitude de desprezo para com YHWH.

7.2. Aspectos teológicos do texto

O estudo dos vv.11 e 14d-f revelou que estes trazem a justificativa para a crítica profética ao culto. O sentido do v. 11 é muito discutido pelos estudiosos, que não chegam a um consenso. Com relação ao tempo verbal, o estudo apontou para a tradução pelo presente, uma vez que se trata de frases construídas com participios e que o contexto não abre a possibilidade de uma tradução pelo futuro. Com relação ao sentido do versículo, a pesquisa parece apontar no sentido de que Malaquias estaria, de fato, se referindo ao culto oferecido pelos pagãos, mas não como se YHWH estivesse legitimando pura e simplesmente esse culto. É óbvio que, para o profeta, o culto legítimo é aquele oferecido no Templo. Isso pode ser notado no conjunto do próprio livro, quando em Ml 3,3-5 o próprio YHWH afirma que enviará seu mensageiro que há de purificar os “filhos de Levi” a fim de que o culto de Judá e Jerusalém seja “agradável” como nos “dias antigos”.

Contudo, dentro do contexto de profanação do culto por parte dos sacerdotes e, provavelmente, também por parte do povo (cf. Ml 1,14), o profeta lança mão da atitude dos povos pagãos que, de coração sincero, oferecem às suas divindades, uma vez que não conhecem YHWH, um culto sincero, sendo assim, mais apreciados por YHWH que os sacerdotes de Jerusalém que, conhecendo seu “nome” o desonram e profanam com oferendas impróprias. Deve-se levar em conta aqui, no resultado dessa interpretação do versículo, que Malaquias se encontra num tempo em que o monoteísmo já está estabelecido em Israel, por isso ele pode entender que o culto oferecido às divindades é, na verdade, unicamente ofertado a YHWH, o único Deus.

Ainda no quarto capítulo, foi estudado o v. 14d-f que, à semelhança do v. 11, encerra a segunda seção do oráculo (cf. Ml 1,12-14) com a justificativa da crítica profética: YHWH é um grande rei, cujo nome é temido entre as nações. Esses segmentos do v. 14 que encerram seja a segunda seção, seja a perícopes, servem como elemento de unificação da mesma perícopes como um todo. YHWH

é um grande rei (cf. Ml 1,14), por isso as ofertas apresentadas, que são indignas até mesmo do governador (cf. Ml 1,9), não podem agradá-lo. Seu “nome” é “temido” entre as nações, que, embora sem conhecê-lo, oferecem a ele no seu culto prestado de boa-vontade, uma oferta “pura” (cf. Ml 1,11). O culto dos pagãos se torna assim um elemento de comparação para tornar ainda mais dura a crítica profética.

O aparecimento de um vocabulário comum a Nm 6,23-27 levou a uma comparação entre Ml 1,6-14 e aquele texto. Parece ser opinião entre muitos autores que Malaquias faz uma releitura da bênção sacerdotal, aproveitando o seu vocabulário para “ferir” os ouvidos dos sacerdotes, criticando-os e condenando-os com as mesmas palavras com as quais eles costumavam abençoar tantas vezes o povo.

A recorrência do vocábulo מֶלֶךְ e o encerramento do texto com a auto-proclamação de YHWH como grande rei, fez com que o estudo aprofundasse a relação de Ml 1,6-14 com a teologia do “nome de YHWH” e com a imagem de YHWH como rei, presente sobretudo nos salmos e, aparentemente, de origem cultural. Parece, então, verossímil afirmar que houve influência deuteronomista na composição da profecia, sobretudo a partir de Dt 12 que fala da importância do Templo como habitação do “nome de YHWH” e que Malaquias tem por trás de sua profecia, especificamente de 1,6-14, a imagem de YHWH como um grande rei, cuja morada é o Templo, lugar perpétuo do seu “nome” que está sendo profanado por meio de vítimas impuras.

Considerando, então, a pesquisa como um todo, esta parece ajudar na compreensão de como o culto estava sendo realizado na província de Judá no pós-exílio, algumas décadas após a reconstrução do Templo que se deu em 515 a.C. Parece que tanto os sacerdotes quanto o povo não estavam levando em grande consideração a importância do culto como glorificação de YHWH e, embora ainda o estivessem realizando, já não tinham mais por ele o zelo devido. Essa deve ter sido provavelmente uma das questões que fez com Neemias fosse enviado à província de Judá em torno de 445 a.C.³⁵¹

Do ponto de vista teológico, a pesquisa demonstrou um possível contato entre Ml 1,6-14 e Nm 6,23-27; Dt 12,2-12; Sl 47,3.9; Sl 95,3; Sl 96,4, ou quiçá,

³⁵¹ Cf. SOGGIN, J. A., *Storia d'Israele*, pp. 349-350

ao menos entre as mentalidades que estão por trás dos referidos textos, particularmente no que diz respeito à teologia do “nome de YHWH” e à imagem de YHWH como um “grande rei”.

Com relação à unidade da escritura, a “oferenda pura” descrita em Ml 1,11 aponta para o culto perfeito, realizado em “espírito e em verdade” (cf. Jo 4,23), que foi inaugurado por Cristo através do seu sacrifício na cruz. Embora o profeta não pudesse alcançar esse sentido da profecia, à luz do NT podemos entender que o Cristo é, propriamente, a vítima perfeita, digna de Deus, o Pai. O culto cristão é atualização e perpetuação desse sacrifício único, da *מִנְחָה טְהוֹרָה* oferecida por Cristo ao Pai (cf. Hb 7,27). O estudo revelou que não somente a forma do culto é de fundamental importância, mas também o espírito com o qual ele é realizado (cf. Ml 1,13). Neste sentido, esta crítica profética pode ajudar na vivência cristã do culto não como mero rito, mas como momento privilegiado de, através de uma ritualidade objetiva, que tem o intuito de manifestar a glória do “nome” do Altíssimo, e de uma atitude interior de verdadeira adoração a Deus, se entrar em comunhão com o Eterno.

7.3. Considerações finais

Permanece como questão aberta a possibilidade de se verificar alguma influência sacerdotal na composição do livro. Alguns autores são taxativos ao admitir que não há nenhuma influência sacerdotal em Malaquias.³⁵² Todavia, a crítica de Malaquias não é ao sacerdócio em si nem ao culto, mas à forma como o culto estava sendo realizado pelos sacerdotes naquele contexto. Outro dado a ser levado em conta é que não somente os sacerdotes são criticados, mas em Ml 1,14 esta crítica se abre também em direção ao povo. E, ainda, o profeta fala em Ml 3,3-5 da purificação dos filhos de Levi que haverão de oferecer um culto como nos “dias antigos”. Se, como afirma Finkelstein,³⁵³ os sacerdotes chegaram a se tornar ricos pecuaristas e, por isso, não achavam a parte que lhes era devida no culto algo de valor e, por isso, afirmavam que a mesa de YHWH era desprezível (cf. Ml 1,7d) e seu alimento também era desprezível (cf. Ml 1,12c) e, ainda

³⁵² Cf. ALONSO-SCHÖKEL, L.; SICRE-DIAZ, J.L., *Profetas II*, pp. 1241.

³⁵³ Cf. Capítulo 3, nota 231.

sopravam para isto em tom de desprezo (cf. Ml 1,13c), pode-se perguntar se não se trata de uma crítica com certa influência sacerdotal à forma como o culto estava sendo realizado em Jerusalém, uma vez que o conjunto do livro mostra que a intenção é que o sacerdócio seja purificado e o culto restaurado ao seu antigo esplendor. Também o fato de se utilizar a terminologia de Nm 6,23-27 e de se apresentar YHWH como um “grande rei”, imagem presente nos salmos e, provavelmente, de origem cultural, parecem apontar nessa direção.